Da possibilidade traumática à possibilidade da responsabilidade Humana

David Figueirôa[1]

Vivemos tempos difíceis. Discursos e movimentos populistas, nacionalistas, autoritários, fascistas; lógicas capitalistas desreguladas, desigualdades sociais agravadas, pobreza persistente; discriminações de todos os tipos banalizadas no espaço público e amplificadas nos espaços privados; ameaça da insustentabilidade ecológica, alterações climáticas, deificação da tecnologia e das redes e inteligências artificiais; guerras, genocídios.

Saímos dos consultórios e viemos a Évora, à Universidade, lugar do pensamento e da partilha e transmissão do conhecimento científico, e viemos olhar para a esfera sociocultural que nos envolve. A psicanálise, em particular a psicanálise relacional, por dar especial importância aos contextos socioculturais que envolvem o psiquismo, tem uma particular legitimidade e responsabilidade na reflexão e discussão sobre os impactos destas realidades e uma palavra relevante sobre como lhes fazer face. Realidades estas tão preocupantes quanto são (também) manifestação de desequilíbrios psíquicos, como são promotoras de maiores desequilíbrios e potenciais traumáticos, individuais e coletivos.

Esta legitimidade e responsabilidade fundam-se, também, na sua história de 130 anos de experiência e conhecimento íntimos sobre o sofrimento. A psicanálise não é uma ciência assente nos modelos científicos dominantes, no método experimental, nas evidências quantitativas, na objectificação dos fenómenos humanos. A psicanálise, em particular a psicanálise relacional, assenta em modelos científicos da complexidade e da subjetividade, com o observador participante, na clínica, e, depois, em diálogo entre pares e em diálogo com as outras disciplinas científicas.

[1] Psicanalista, PsiRelacional
davidffigueiroa@gmail.com

Todos sabemos que uma psicanálise não se mede em meses, mede-se em anos, por vezes bastantes anos. Permitam-me retirar dessa experiência longa de muitos milhares de seres humanos, mulheres e homens, o maior valor do conhecimento psicanalítico. São 130 anos de conhecimento contínuo e profundo sobre a intimidade psíquica humana, sessão a sessão, semana a semana, ano a ano, multiplicado por milhares e milhares de psicanalistas e muitos mais milhares de pacientes em todo o mundo. Não creio que exista outro método com o tipo de conhecimento que a psicanálise reuniu ao longo de todo este tempo sobre a natureza psíquica e relacional humana, nas suas dimensões inconscientes e conscientes, vividas e desveladas nos tempos da intimidade das relações analíticas.

1. Uma experiência estranha: do medo à cobardia

Ontem à noite, já de madrugada, dei por mim a dar um passeio pelas ruas quase desertas de Évora, onde não vinha já há uns bons anos. Fui andando com gosto, reconhecendo, no centro da cidade, os mesmos traços de antes - e o mundo tão diferente desde então, pensei. Nessa última ocasião, neste mesmo auditório, o tema fora o Amor, penso na ironia dos temas que ligam estes dois momentos nesta cidade que, ao visitante ocasional, permanece bela. Fui andando absorto pelas ruas noturnas, mas sobressaltei-me quando em plena Giraldo se aproximou lentamente de mim um grupo de vultos invulgar, pareceu-me, que estranho, um bando de homo erectus - não estavam extintos?, pensei - mas logo percebi tratar-se de um grupo de refugiados sírios e líbios e outros, cabisbaixos, parecem maltratados e molhados, passam por mim em silêncio, alguns cospem água. Ainda não cruzei a praça e vem outro grupo de vultos, parecem heiderbergensis - mas apuro o olhar e afinal eram sudaneses, muito escuros e em mau estado, mal se veem, os sudaneses. Sigo caminho e nas ruínas de Diana quase tropeço com uns homo-naledi, mas afinal eram uns ucranianos ali encostados e deitados, bebendo com alguns russos, estilhaços de vidro ao redor, feitos moribundos. Afasto-me, avanço e um pouco mais

à frente dou com um grupo de neanderthais, aproximo-me, com receio mas curioso, e vejo que afinal, para meu espanto, eram mulheres, de todas as idades e feitios, muito juntas, assustadas, com alguns olhos negros e cabelos desgrenhados, algumas com sangue nas vestes rasgadas e manchas escuras nos pescoços. Que passeio estranho nesta Évora intemporal, só para ficar mais estranho logo a seguir, junto à capela dos ossos, vem um bando de pequenos floresiensis, aproximo-me deles e eram, afinal, miúdos africanos, silhuetas iguais às subnutridas crianças etíopes que vi na televisão na minha infância e me mostraram que lugar era este mundo. Desconfortável, resolvo voltar ao hotel e ando, ando e ando, um bocado desorientado, mas finalmente reconheço aonde me alojei, pelo arame farpado característico do turismo rural. Entro pela abóbada de metal com uma inscrição em alemão, 'Arbeit qualquer coisa' e mal acredito que um grupo de filhos dos hóspedes ainda brinca no pátio àquela hora da madrugada, todos vestidos de pijamas às riscas verticais com uma linda estrela bordada no peito, mas estranho serem tão escanzelados, quero dizer-lhes para irem comer qualquer coisa, eu posso chamar o *room service*, mas vêm mais e mais crianças, vestidas de Messi e CR7, tantas crianças, palestinianas, sujas e feridas, algumas sem membros, rindo ainda como se os tivessem e chutassem numa bola perdida. Estou cansado, quero dormir, vou entrar no hotel de traço horizontal, mas dou de caras com o porteiro por debaixo de um letreiro que não percebo, desta feita está escrito em hebraico. O porteiro, bem fardado, a negro, e mão na metralhadora brilhante; eu desarmado, avanço como se não fosse nada mas, quando quase lhe chego, ele grita Chega!, a mão direita estendida ao alto, e o grito ecoa na noite escura... Paro petrificado. Ele pede-me identificação, digo rápido, "Dawid" (como o rei judeu), ele fica confuso e hesita, eu avanço, passo por ele sem olhar para trás, sinto um medo horrível, mas não ouço nenhuma saraivada e, mesmo antes que ela venha, detenho-me, viro-me e olho para ele, olhos nos olhos, as suas mãos tensas na metralhadora a apontar para mim, e sai-me, autoritário, na língua internacional 'I am the President of PsiRelacional. What is the name

of this hotel? Rápido!". Ele responde, fazendo continência e batendo as botas 'Trump Tower, sir!', e então sinto-me seguro, porra, muito mais seguro do lado de dentro, Évora está demais, esta torre fez-se num ápice, o futuro é já aqui, digo 'Great hotel, fantastic hotel, fantastic'. Subo à suite presidencial nos céus sobre a cidade, a minha mulher já dorme, aconchego-me a ela, tão morena, pele cigana, face tranquila e inocente, até a dormir é bela e exala inteligência, uma verdadeira homo sapiens, tão frágil... Enrolo-me no seu corpo feminino, na pele cigana, tão frágil... As minhas mãos, tensas, como as do porteiro na metralhadora, torneiam e apertam o seu pescoço…

Acordo hoje de manhã cedo, a minha mulher dorme, ouço, aliviado, a cadência suave do seu respirar e escrevo estas linhas. Um sonho para um evento psicanalítico, parece-vos bem?

2. A política como possibilidade traumática ou protetora

A história humana está repleta de destrutividade. Muitos autores, como Freud, atribuem a destrutividade humana à sua natureza agressiva, com raízes na vida pulsional. "O homem é o lobo do homem", alertou Freud, que viveu a I Guerra Mundial e testemunhou a ascensão do nazismo na sua querida Viena.

Contudo, uma análise histórica da evolução humana e da destrutividade da nossa própria espécie parece apontar noutro sentido (Harari, 2011)[2]. A extinção de outras espécies hominídeas, entre 100 mil e 300 mil anos atrás (quando várias destas espécies coexistiram na terra e foram extintas provavelmente pela ação do Homo Sapiens, a única sobrevivente), a extinção de outros animais (sobretudo de grande porte, que coincidiu com a nossa expansão geográfica), a que acresce uma destruição repetida sobre a nossa própria espécie, até ao presente, toda esta destrutividade parece não ter sido movida pelo ódio, mas pela Possibilidade.

[2] Algo que explorei também em "Como fazer face às clivagens contemporâneas: Cultura, Amor e Regulação Relacional", comunicação apresentada no Congresso "Amor em Tempo de Clivagens" da SPGPAG, a 7 de Novembro de 2025, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (no prelo).

A revolução cognitiva (há c. 70mil anos), e depois social, cultural, instrumental, científica e tecnológica, ofereceram-nos possibilidades novas de domínio sobre a natureza, sobre o meio envolvente e sobre os outros, que usámos porque ficaram disponíveis. Usámos estas capacidades novas para modificar radicalmente as nossas condições de vida na terra: usámo-las na revolução agrícola (c. 10 mil anos a.c.), usámo-las na revolução industrial (séc. XVIII-XIX), usámo-las em construções maravilhosas, usámo-las nos múltiplos expansionismos imperialistas, usámo-las ao ponto paradoxal de podermos providenciar recursos essenciais a todos os humanos (que não se concretiza, hoje, pela desigualdade na distribuição) e de podermos aniquilar a vida na Terra. Estamos, hoje, perante novas possibilidades derivadas do desenvolvimento tecnológico, como a inteligência artificial, sem sabermos bem para onde vamos (Krutzen, 2025; Baptista-Bastos, 2026).

Não parece ser o ódio que nos move (predominantemente). As motivações podem ser múltiplas, da sobrevivência à segurança, do desejo ao poder, do narcisismo ao ódio, mas o fator decisivo parece ser a possibilidade em si, a possibilidade de agir, avançar, transformar, cumprir o nosso interesse. Talvez algo inscrito em nós desde a origem da espécie, vamos na esperança de melhores condições, vamos. Muitas vezes, obtemos melhores condições, outras maiores problemas, mas continuamos a ir, desde sempre, com muita construção, mas também com muita destruição pelo caminho e talvez no sentido da nossa própria extinção. O ódio afigura-se, nesta perspetiva, não como um fator primário da destrutividade, mas como um fator subsidiário e instrumental do movimento humano[3]. É um ativo contra os obstáculos, contra o outro que se opõe à vontade e movimento da espécie ou de alguns dos seus membros mais poderosos. Também os movimentos discriminatórios, opressores e bélicos contemporâneos, criam e exploram possibilidades, expandindo-se nas brechas deixadas pela ausência de resposta e limites integrados e organizado-

[3] Uma perspetiva em linha com a mudança de conceção sobre a agressividade, da psicanálise pulsional freudiana (a agressão como motivação primária, ex. Klein) para a psicanálise de modelo relacional (a agressão como resposta à frustração ambiental/relacional, ex. Fairbairn).

res, mobilizando o ódio para aumentar o seu poder e criar movimento.

Política, do grego politikos, relaciona-se com a polis, com a organização do social. Importa-nos, hoje, pensar a política como fator traumático ou protetor/reparador para aqueles que vivem na polis.

Historicamente, na senda de Freud, a psicanálise dominante encarou o trauma como um processo fundamentalmente individual e intrapsíquico. No entanto, uma outra linha de pensamento, iniciada em Ferenczi (1932, 1933) e que se projeta até à psicanálise relacional contemporânea, enfatiza a dimensão relacional, social, do trauma.

Nesta perspetiva, o agente desencadeante do trauma é a ação externa desadequada (e não a fantasia interna), seja ela massiva (como o abuso sexual ou a violência da guerra) ou subtil e repetida (como nas famílias funcionais sem linguagens emocionais, ou na exploração laboral normalizada ou a vida no limiar da pobreza). Desde Ferenczi podemos, então, falar de "acontecimento traumático", assente numa "confusão de línguas" entre o agressor/opressor e a vítima, uma confusão entre uma linguagem dominante e imposta (do adulto, ou de quem tem o poder) que não reconhece as necessidades e sensibilidades próprias do outro (da criança, ou de quem depende de quem tem o poder).

Revisto por Stolorow (2007), o trauma pode ser considerado um afeto insuportável, em resposta a um acontecimento real excessivo, uma vivência que o psiquismo não consegue articular ou integrar. Esta incapacidade (esta impossibilidade de processar a experiência traumática) é confirmada se a experiência for negada, desmentida, relativizada pelo meio envolvente, como Ferenczi também havia referido. Então, o sujeito fica psiquicamente enclausurado na experiência traumática e ergue um conjunto de defesas para a afastar da consciência e tentar manter-se funcional na comunidade humana. Na linha destes autores, podemos dizer que o trauma não é apenas um momento, mas uma sequência em espiral, onde dimensões externas e intrapsíquicas se alimentam mutuamente e projetam no futuro, quando condições que evoquem o cenário original reproduzam a vivência traumática.

1. [Externo] Acontecimento potencialmente traumático (excessivo/desadequado/violento; massivo/manifesto ou subtil/cumulativo) por um Outro (agente/meio) agressor/opressor →

→ 2. [Interno] Impacto no psiquismo, experiência de insuportabilidade emocional e rutura psíquica, incapacidade de articulação/integração da experiência →

→ 3. [Externo] Ausência ou insuficiência de um Outro protetor, no limite como "desmentido"/indiferença, que banaliza ou relativiza a experiência, anulando a possibilidade de ajuda (testemunhar/validar, articular/fazer o luto) e confirmando a impossibilidade de articulação/integração psíquica →

→ 4. [Interno] Organização traumática do psiquismo, sobre as experiências e vivências insuportáveis (perigo/estranheza/confusão/desespero, defeito/vergonha/humilhação, maldade/incapacidade/culpa, ânsia/raiva/vazio, solidão/isolamento/alienação): organização psíquica defensiva, assente na dissociação e na autoproteção contra a experiência traumática e a possibilidade de se repetir →

→ 5. [Externo] Reencontro com dimensões opressoras ou insuficientes de novos Outros face à vulnerabilidade e necessidades do próprio »»

→ Possibilidade de reexperiências traumáticas em condições que evoquem (inconscientemente) o cenário original do trauma (re-traumatização, por via da agressão/opressão e/ou do desmentido/indiferença), com possibilidade de desmoronamento/*breakdown* e "(re)experiência traumática".→

→ Possibilidade de inversão inconsciente e defensiva dos papeis e dos poderes no cenário traumático (a vítima torna-se agressor), continuando o círculo traumático no outro (na nova vítima).

»» Possibilidade de transmissão intergeracional (através do medo, do não-dito, do tabu).

O trauma não condiciona apenas o psiquismo do sujeito traumatizado,

propagando-se socialmente, como na inversão da experiência traumática (quando a vítima se torna um agressor (Ferenczi 1933, Anna Freud, 1936) ou nas transmissões intergeracionais através do medo, do não dito ou do tabu familiar (Yolanda Gampel, 2003; Galit Atlas, 2022).

No contexto social é da maior relevância a ideia de que o trauma, antes de o ser, é-o *potencialmente*, através do discurso ou do ato político ou social.

Sobre isto, Donna Orange disse-nos algo da maior importância: "Os piores estados traumáticos resultam, acredito, da *crueldade humana, muitas vezes organizados por estruturas que parecem inquestionáveis* [num determinado momento histórico]: *escravatura, discriminação, racismo, sexismo* (…). Estas formas são muitas vezes *invisíveis* para os participantes nos sistemas, especialmente *para aqueles que beneficiam deles*, mas são, ainda assim, violentos e deixam cicatrizes transmissíveis às terceira e quarta gerações [subsequentes]". (2016, p2, tradução livre, itálicos nossos).

Políticas e narrativas discriminatórias e opressivas, bem como contextos de guerra, exponenciam o potencial traumático. Vivências de medo ou o terror da realidade de se ser controlado ou perseguido, de se ser desconsiderado ou anulado, de se ser discriminado ou segregado, de se ser subjugado ou atacado, são experiências de natureza social com magnitude traumática, com profundas repercussões nos planos individual e coletivo. O efeito também é exponenciado quando a violência é perpetrada pelo Estado ou por agentes organizadores e supostamente protetores, como os políticos, como quando o abuso de uma criança é perpetrado pelos próprios cuidadores (Figueirôa, 2014). Nestes casos, a estrutura protetora perde o carácter universal, separa protegidos e perseguidos (os cidadãos e os não-cidadãos, ou cidadãos de primeira e de segunda), e potencia clivagens na população.

Os acontecimentos devastadores das Guerras Mundiais e, em particular, a experiência do Holocausto, trouxeram, a partir do testemunho dos sobreviventes, uma nova consciência sobre os horrores perpetrados pelo homo sapiens, amplamente retratos em testemunhos como o de Victor Frankl (1905-

1997), publicando "O Homem em busca de sentido" em 1946; ou de Primo Levi (1919-1987), publicando "Se Isto é um Homem" em 1947. Elie Wiesel (1928-2016), um outro escritor sobrevivente aos campos de concentração, referiu, a propósito da morte de Levi, morte que ocorreu em 1987: "Primo Levi morreu em Auschwitz há quarenta anos", relembrando-nos que há traumas que não podem ser superados, um trauma que o próprio carregava. Wiesel foi prémio Nobel da Paz em 1986, pelo seu "trabalho em defesa da paz, da redenção e da dignidade humana", pelo conjunto da sua obra escrita dedicada à memória do Holocausto, como a autobiográfica "Noite", publicada em 1956.

A dimensão do horror do Holocausto, que nos foi transmitida em primeira mão, por sobreviventes autores, como os três que aqui referi em jeito de homenagem, parece ter tido um efeito poderoso na consciência coletiva, pelo menos em alguns de nós. O paradoxo entre desenvolvimento e destruição desvela-nos que o sofrimento humano às mãos de outros humanos não está em vias de se extinguir e que pode até aumentar com o desenvolvimento económico e tecnológico. No meu sonho, há uma história implícita de destruição e sofrimento. Numa linha filogenética, a extinção dos nossos irmãos hominídeos (que vislumbrei, ressuscitando-os, no sonho): o que seria viver hoje com eles na Terra, como fizemos outrora, há milhares de anos atrás? Há historiadores que defendem que muito provavelmente foram extintas pela ação do homo sapiens (Harari, 2011). E depois da extinção desses, numa linha histórica, que vem da antiguidade até hoje, a opressão e destruição das nossas irmãs e irmãos da mesma espécie – e de muitas espécies animais, devido à nossa ação.

Esta consciência do mal que não se extingue dá azo a teorias sobre o mal no homo-sapiens (Freud dizia "homem é o lobo do homem", Sartre disse "O Inferno são os Outros", Bolano escreveu "2666", alertando-nos para a permanência "intemporal" do mal, 2004), e trouxe-nos uma consciência acrescida do sofrimento e da vulnerabilidade humana, face a outros humanos.

Isso mesmo pensou Donna Orange, ao introduzir na psicanálise uma

nova ética "a ética da hospitalidade", uma ética de "responsabilidade perante o outro", que toma do filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), talvez o mais importante sobrevivente e escritor sobre o Holocausto para a psicanálise relacional contemporânea. Para Lévinas, é perante a face do outro que podemos descobrir a nossa responsabilidade, a responsabilidade perante esse Outro. Como Stolorow ("Tal como a finitude é fundamental à nossa constituição existencial, também é constitutivo da nossa existência que nos encontremos uns aos outros como «irmãos e irmãs na mesma noite escura» [aqui citando Vogel, 1994], profundamente conectados uns com os outros em virtude da nossa finitude comum"; 2007, p49, tradução livre), que nos mostrou que é na identificação pela nossa condição traumática, que podemos ajudar o outro traumatizado, e, acrescento, ajudarmo-nos a nós próprios a ser humanos.

O papel da política, enquanto estrutura ordenadora do social, implica incontestavelmente a prevenção e proteção da comunidade contra eventos sociais de natureza traumática, sendo, talvez, a sua primeira responsabilidade a este nível, não se constituir ela própria como fator traumático. Adicionalmente, será imperativo o apoio às pessoas expostas a acontecimentos traumáticos, desde logo não negando, desmentindo ou diminuindo essa experiência (tenhamos presente a "banalidade do mal" de Arendt, 1951, ou a ideia de "não inscrição" de José Gil, 2004). A política que não reconheça estas populações e não lhes dê resposta, mantendo o silêncio ou a indiferença, tornar-se-á, também assim, um constituinte ativo do trauma.

Pode, ainda, um político ter em consideração que a psicanálise vem reconhecendo, ao longo dos tempos, que, embora a psicopatologia tenha muitas vezes a experiência traumática na sua etiologia, o trauma não se reflete necessariamente em quadros psicopatológicos. Numa boa parte das experiências traumáticas, as defesas psíquicas funcionam suficientemente para assegurar uma vida genericamente funcional. Nestes casos, os traumas manifestam-se em disfuncionalidades psíquicas e relacionais mais subtis. São pessoas especialmente sensíveis e suscetíveis aos contextos de particular exigência, como

na conflitualidade social, na pressão laboral, na intimidade amorosa ou no exercício da parentalidade, por exemplo, onde se desvelam as vulnerabilidades e se manifestam os traumas latentes.

Daqui resultará que uma política de carácter humanista, centrada na dignidade da experiência humana no social, deve valorizar e assegurar a resposta em termos de suporte psíquico a quem dela necessite (designadamente, na promoção de políticas de saúde mental acessíveis e adequadas, na proporção e na qualidade da resposta). Mas a atribuição de responsabilidades à área da saúde e aos profissionais da saúde, não pode isentar o político da sua responsabilidade maior: a ação consciente de que as políticas, em todos os níveis da governação, geram impactos significativos na vida das pessoas, nomeadamente a nível psíquico. As pessoas reais, que experienciam e sofrem, para o bem e para o mal, os efeitos dessas políticas, têm estado demasiadas vezes sujeitas a políticas com magnitude traumática, com reflexos evidentes na vida psíquica e, também, na vida quotidiana e social - e com ressonâncias futuras.

Urge incorporar no cerne da ética política uma responsabilidade pelo humano, pela sua experiência e pelos seus sofrimentos. Os políticos podem fazer melhor.

Esta mensagem transcende o universo dos políticos formais: é uma mensagem para todos nós, podemos ser mais exigentes nas nossas escolhas políticas e mais participativos na construção da sociedade em que queremos viver, uns com os outros, incorporando nessas escolhas a responsabilidade para com os mais vulneráveis. Todos nós somos atores políticos nas nossas esferas de influência, nas nossas famílias, relações, consultórios, empresas, escolas, associações. Todos somos responsáveis políticos nalgumas esferas da nossa vida - e nós também podemos fazer melhor.

3. Conclusão: do medo à coragem da responsabilidade

O sonho que relatei no início é um sonho possível sobre o medo. No final do sonho, há um movimento de inversão do medo, através de uma aparente

coragem, quando enfrentei o brutal porteiro. Só "aparente coragem", porque enfrentei-o para entrar, para me proteger, para ficar dentro do "edifício" autoritário e protetor de alguns. Quando subi ao quarto, já era outro. Ainda era o que reconhecia na minha mulher a beleza da sua humanidade, que me acolhia, mas já era também o homem amedrontado pela vulnerabilidade, uma vulnerabilidade assente no medo de me tornar uma das pessoas que encontrei no passeio. Daí ter feito o movimento de matá-la, para anular essa fragilidade, afinal, anular a minha fragilidade, nela projetada. Eu já era, no final do sonho, depois do que vi nas ruas da cidade/mundo, no hotel/campo de concentração e na figura do porteiro/fascista, eu já era, cobardemente, um agressor, seria esse o melhor lugar para me proteger - ilusoriamente. Ainda bem que acordei, para poder fazer diferente.

Como fazer diferente? De forma muito sintética: com Conhecimento e Cultura, como diria Freud, com Amor e humanismo, como diriam tantos outros psicanalistas e humanistas, mas também com Regulação Relacional, colocação de limites e resistência determinada face ao Outro opressor (Figueirôa, 2025), acrescentamos aqui, em homenagem aos homens e mulheres que resistem e não abdicam da dignidade humana, aonde ela esteja ameaçada. O mundo parece estar a voltar à lei do mais forte, é preciso pôr limites ao mais forte. Regular o poder desregulado.

Cultura, Amor e Regulação Relacional (propostas que vêm da psicanálise freudiana, relacional clássica e relacional contemporânea), poderão dar corpo à possibilidade de exercermos maior responsabilidade sobre o humano, uma Responsabilidade Ética sobre o Outro, como nos ensinou Emmanuel Lévinas, um filósofo sobrevivente do Holocausto, uma ética que Donna Orange (2016) trouxe para a psicanálise, e que Hélder Chambel (2023) também evoca ao propor-nos uma psicanálise "cara a cara", onde estamos face à face do Outro, que nos olha exigindo responsabilidade. É na identificação pelo trauma, diz-nos Chambel, na senda de Orange e de Stolorow (2007), que podemos acolher e ajudar o outro traumatizado, e acrescento, ajudarmo-nos

a nós próprios a ser Humanos.

Podemos ter aqui, talvez, um propósito comum entre a psicanálise e a política, na melhor aceção destas, às vezes nobres, atividades humanas.

Referências

Arendt, H. (2006). *As origens do totalitarismo*. Dom Quixote. (Obra original publicada em 1951)

Atlas, G. (2023). *Herança emocional*. Alma dos Livros. (Obra original publicada em 2022)

Baptista-Bastos, F. (2026). *Qual é a cor do futuro? Texto apócrifo de psicanálise*. Comunicação apresentada na Ágora Relacional, Madrid, Espanha, 5 de junho de 2026.

Bolaño, R. (2009). *2666*. Quetzal. (Obra original publicada em 2004)

Chambel, H. (2023). *Cara a cara: La creación del psicoterapeuta*. Ágora Relacional.

Ferenczi, S. (1933/1980). Confusion of tongues between adults and the child. In *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis* (pp. 156–167). Karnac Books.

Ferenczi, S. (1932). Reflections on trauma. *International Journal of Psycho-analysis*.

Figueirôa, D. (2025). *Como fazer face às clivagens contemporâneas: Cultura, amor e regulação relacional*. Comunicação apresentada no Congresso *Amor em Tempo de Clivagens*, Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo (SPGPAG), Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 7 de novembro de 2025.

Figueirôa, D. (2014). 1984–2666: Derivações psicanalíticas sobre a tirania e o mal. *Clínica e Investigación Relacional, 8*(1), 115–124.

Frankl, V. E. (2012). *O homem em busca de um sentido*. Lua de Papel. (Obra original publicada em 1946)

Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Artmed. (Obra original publicada em 1936)

Gampel, Y. (2003). Violence sociale, lien tyrannique et transmission radioactive. In A. Ciccone et al. (Eds.), *Psychanalyse du lien tyrannique*. Dunod.

Gil, J. (2004). *Portugal hoje: O medo de existir*. Relógio d'Água.

Harari, Y. N. (2013). *Sapiens: De animais a deuses: História breve da humanidade*. Elsinore. (Obra original publicada em 2011)

Krutzen, H. (2025). *O ser e o sentir: Modalidades para uma clínica psicanalítica implícita*. Zagodoni.

Levi, P. (2013). *Se isto é um homem*. Dom Quixote. (Obra original publicada em 1947)

Orange, D. M. (2016). *Nourishing the inner life of clinicians and humanitarians: The ethical turn in psychoanalysis*. Routledge.

Stolorow, R. D. (2007). *Trauma and human existence: Autobiographical, psychoanalytic, and philosophical reflections*. Routledge.

Wiesel, E. (2012). *Noite*. Texto Editores. (Obra original publicada em 1956)